

## MÚSICA E INTERCULTURALIDADE: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES<sup>1</sup>

Maristela de Oliveira Mosca<sup>2</sup>

DOI: 10.30827/dreh.v0i10.6857

**Abstract:** This essay presents itself as an opportunity to converse about setting up a form of music education that has interculturality and interdisciplinarity as its principles. In these processes of learning and teaching music in elementary schools, we present throughout this study the creation of a theoretical framework on interculturality, interdisciplinarity and music education, aiming to relate, based on the principles of intercultural and interdisciplinary approaches, a kind of active curriculum in an education project that has music education as a curricular component. When discussing the methodological possibilities for music activities at school, we have interculturality and interdisciplinarity as our axis, perceiving music learning that takes place in local and global contexts, bringing to life a way of being in the world that will promote equality and respect for diversity. Thus, music education must value the music of the whole world and, based on its enjoyment and creation, bring it to the local context - interculturalism; or on the integration of musical knowledge into different areas of knowledge, allowing meaningful learning - interdisciplinarity. When we report and reflect on the didactic and methodological applications of music education, we evidence the role of schools in the light of the interculturalism phenomenon.

**Keywords:** Musical Education; Interculturality; Interdisciplinarity

**Resumo:** Este ensaio se apresenta como uma possibilidade de diálogo sobre a configuração de uma forma de educação musical que tenha como princípios a interculturalidade e a interdisciplinaridade. Nesses processos de aprender e ensinar música na escola de educação básica, apresentamos no decorrer do trabalho a constituição de um marco teórico sobre interculturalidade, interdisciplinaridade e educação musical, procurando relacionar, a partir dos princípios de interculturalidade e interdisciplinaridade, uma forma de currículo em movimento em um projecto pedagógico que assume a educação musical como componente curricular. Ao discutirmos sobre as possibilidades metodológicas para os fazeres musicais na escola, temos como eixos a interculturalidade e a interdisciplinaridade, percebendo a aprendizagem musical que se estabelece nos contextos locais e globais, suscitando uma forma de ser e estar no mundo que promova a igualdade e o respeito a diversidade. Dessa forma, a educação musical deve valorizar a música do mundo e, a partir de seu desfrute e criação trazê-la ao contexto local – interculturalidade, bem como a integração do conhecimento musical com as diferentes áreas de conhecimento, permitindo uma aprendizagem significativa – interdisciplinaridade. Ao relatarmos e refletirmos sobre as

aplicações didático-metodológicas da educação musical, evidenciamos o papel da escola face ao fenômeno da interculturalidade.

**Palavras-chave:** Educação Musical; interculturalidade; interdisciplinaridade

## **Introdução**

Ao abordarmos perspectivas de uma dimensão didático-pedagógica pretendemos aproximar os objetos em questão nesse ensaio, propondo uma narrativa em movimento. Assim, nosso objetivo é o de descrever e dialogar sobre a configuração de uma forma de Educação Musical que tenha como princípios a interculturalidade e a interdisciplinaridade.

Nesse percurso dialético trazemos concepções teóricas sobre Interculturalidade, Interdisciplinaridade e Educação Musical, tracejando o papel da Escola face ao fenômeno da interculturalidade. Ao compartilharmos nossa compreensão sobre a construção social da experiência musical, apresentamos um currículo em movimento, que assume um diálogo interdisciplinar buscando, como diz Boaventura Sousa Santos (1997), citado por Moreira (2001) um trabalho na diversidade, que pretende uma relação entre a competência global e a legitimidade local.

Vemos que, ao descrever e dialogar sobre o que as crianças de uma Escola de Educação Básica, pensam sobre o mundo e as músicas presentes nele, trazemos também a dinâmica de uma abordagem teórico-metodológica que compreende a diversidade presente no dia a dia da escola, da vida. Dessa forma, a música se expressa no ambiente escolar mediante a sua práxis – seus modos de fazer e de sentir – que envolvem a formação do ser em sua totalidade.

Nessas perspectivas interculturais vamos construindo pontes, traçando caminhos e desbravando diferentes formas de perceber a realidade vivenciada a partir de diferentes culturas. Um trabalho que pretende aproximar, compreender, respeitar e vivenciar formas de ser no mundo.

## **Perspectivas teóricas – Interculturalidade, Educação Musical e Interdisciplinaridade**

A partir de uma perspectiva intercultural para essa narrativa, apresentamos inicialmente nosso entendimento sobre o conceito de interculturalidade, bebendo de fontes teóricas que nos permitem dialogar, construindo, dessa forma, um entendimento sobre o tema a partir de lentes próprias.

Compreendemos o fenômeno da interculturalidade a partir dos modos de ver e sentir o mundo – do compartilhamento de culturas e ideias diversas, bem como da mútua influência entre culturas diferentes. Vemos que nesse modo de perceber o mundo reconhecemos as sociedades como interculturais, que ensaiam um movimento dinâmico de apropriação, conflituação e acomodação.

Ebert (1991), citado por McLaren (1997: 79), afirma que viver na diversidade é perceber que as diferenças “são construções históricas e culturais”. Dessa forma, à educação intercultural precede o respeito às diferentes maneiras de expressão, de viver no mundo, trazendo a formação humana dentro da complexidade de formação do ser, da legitimidade da diversidade nas expressões de tradições e conhecimentos.

A partir de diferentes autores e contextos nos deparamos com os termos “multiculturalidade”, “interculturalidade”, “pluriculturalidade” tendo, em alguns casos, os mesmos significados, em outros uma compreensão distinta. Percebendo a interculturalidade como um processo dinâmico que descobre, convive e dialoga com diferentes culturas, escolhemos esse termo para conceituar os processos de ensino e aprendizagem que pretendem “realçar a inter-relação dinâmica entre as culturas com as reacomodações e ajustes constantes que isso implica” (Kreutz, 1999: 82-83).

Falar dos processos de ensino e aprendizagem em uma perspectiva intercultural é pensar em um currículo intercultural que respeite a identidade de cada sujeito, que se encontra sempre em movimento e construção; o pertencimento ao lugar vivido, compreendendo que a “identidade costura o sujeito à estrutura” (Kreutz, 1999: 82); e a diversidade cultural, sabendo que ela se encontra vinculada à vida em sociedade já que, de acordo ainda com o autor são expressões sociais “os movimentos sociais, conflitos, instituições, espaço social, a linguagem e a visão de mundo dos indivíduos”.

Assim, concordamos com Sousa e Neto (2003: 26) quando afirmam que “a interculturalidade só pode ser entendida como igualdade na diferença”. Dessa forma, uma educação na perspectiva intercultural, de acordo com Candau e Koff (2006: 475), implica em uma

*Clara e objetiva intenção de promover o diálogo e a troca entre diferentes grupos, cuja identidade cultural e dos indivíduos que os constituem são abertas e estão em permanente movimento de*

*construção decorrente dos intensos processos de hibridação cultural.*

Ao abraçarmos uma educação intercultural vemos que a lógica educativa eurocêntrica, branca, masculina e erudita (Moreira, 2001), que pretende homogeneizar, disciplinar e oprimir não se coaduna com a concepção de que

*A educação consiste em desenvolver capacidades humanas fundamentais, nomeadamente a autocrítica, a capacidade de reflexão, a possibilidade de elaborar juízos independentes, a sensibilidade, a humildade intelectual e o respeito pelos outros, abrindo o espírito aos alunos para as grandes realizações humanitárias* (Sousa; Neto, 2003: 16).

Assim, pretendemos abordar uma Educação Musical Intercultural e Interdisciplinar que descubra, dialogue e inter-relacione com diferentes culturas a partir de influências e vivências. Moacir Gadotti, na apresentação da obra *Multiculturalismo Crítico*, de Peter McLaren (1997: 16), diz que a educação intercultural “procura familiarizar as crianças com as realizações culturais, intelectuais, morais, artísticas, religiosas etc. de outras culturas, principalmente das culturas não dominantes”. Nesses processos interdisciplinares de aprender e ensinar música na interculturalidade, o fenômeno musical é vivenciado, apreciado e (re)configurado, em novas releituras da realidade vivida.

Em uma Educação Musical Intercultural pretendemos o desenvolvimento e a expressão dos sujeitos em sua plenitude, já que são processos formativos integrais e socializadores. Assim, os diferentes saberes e fazeres devem ser respeitados e valorizados em um ambiente musicalizador e intercultural, com a mediação do professor, que vislumbra o “arco-íris cultural” que é a música do mundo, como dizem Stoer e Cortesão (1999: 60).

Os autores alertam para o papel do professor e da Escola, que não pode se mostrar “dautônico” nos processos de aprender e ensinar música, oportunizando a entrada da diversidade musical nos espaços escolares, promovendo a vivência, a apreciação e a análise crítica dos diversos sons do mundo. Enfim, um currículo intercultural que permita uma vivência musical que experiencie novas maneiras de sentir e fazer, valorizando diversas culturas, (re)visitando povos, lugares e culturas diferentes, (re)construindo a música do mundo.

Conceituamos a Educação Musical como os processos sistematizados de aprender e ensinar música em diferentes contextos e espaços. Couto e Santos (2009: 121) afirmam que o

principal objetivo da Educação Musical é o de “desenvolver a capacidade de compreensão da linguagem musical como discurso simbólico”. Dessa forma, uma Educação Musical Intercultural deve respeitar as músicas do mundo em uma (re)construção curricular que empodere a diversidade musical dos sujeitos envolvidos, das culturas visitadas e do entorno.

Na realidade escolar brasileira, ainda se observa uma Educação Musical Escolar pautada no ensino de uma música predominantemente eurocêntrica, branca e erudita, impondo um valor à chamada “música verdadeira” ou “música de qualidade”. As diversas manifestações musicais – tradições de conhecimento – são muitas vezes excluídas dos processos de aprender e ensinar música na Escola, desrespeitando e desvalorizando os saberes dos alunos, as diferentes manifestações musicais do entorno e a música trazida por diferentes movimentos migratórios.

A essas diversas manifestações musicais – a música produzida e consumida por diferentes culturas, seus sentidos e significações – Penna (2005) chama de “poéticas musicais”. A autora afirma que uma Educação Musical de postura Intercultural deve

*Abranger a diversidade de produções artísticas e musicais, vinculadas a diferentes grupos sociais que produzem ou adotam determinadas poéticas musicais como suas, sejam esses grupos marcados por particularidades de classe, de região ou de geração, por exemplo* (Penna, 2005: 11).

Assim, reafirmamos a necessidade da não restrição do ensino de música pautada em uma cultura eurocêntrica, branca e erudita. Nesse sentido, compreendemos a música e a Educação Musical a partir de uma concepção ampla, que deve se fazer presente na formação dos sujeitos, em um diálogo entre culturas, na diversidade.

Entretanto, compreendemos também que a Interculturalidade não pode ser confundida com momentos estanques vividos no espaço escolar, como práticas pedagógico-musicais que se maquam em alegorias fixas, marcadas pelo calendário escolar. Essa prática não deve ser considerada Intercultural, já que os princípios de descoberta, diálogo e inter-relação não acontecem, predominando ainda uma posição única e arbitrária em relação a música do outro.

A música é uma construção social que, em seus caminhos, se banha dos repertórios locais, (trans)formando-se e constituindo

uma poética própria. Sendo social, não acontece em momentos estanques da vida do homem, fazendo parte de seu repertório de vida, de lutas, de anseios e de esperanças. Dessa forma, trazer a música para o contexto escolar é percebê-la como expressão simbólica da vida do homem.

Ao situarmos a música – a obra de arte – dentro do contexto escolar, carregamos com ela suas concepções filosófica, política e pessoal, que compreendem um conjunto de saberes que não se encerram no conhecimento musical. Nesse entrelaçamento entre a música e as outras artes, a música e as outras linguagens do conhecimento é que acontece a Interdisciplinaridade.

Conceituamos Interdisciplinaridade, corroborando Pombo (1994: 11), como os processos de integração disciplinar, isto é, “de qualquer forma de ensino que estabeleça uma qualquer articulação entre duas ou mais disciplinas”. Vemos também que a Interdisciplinaridade é compreendida por nós como uma atitude nos processos de aprender e ensinar.

Dessa forma, tais processos devem valorizar os saberes dos alunos e compreender a Escola como espaço de descobertas, conflitos e diálogos. Assim, vemos a Interdisciplinaridade como uma demanda da natureza, pois vivemos em um mundo onde os acontecimentos – e, conseqüentemente a música – são cíclicos e simultâneos. Nesse mundo diverso, a Escola se constitui em um universo de saberes sistematizados, que são compartilhados com alunos com o objectivo de ampliar o repertório de saberes de cada um. Ao tratarmos esse repertório de maneira contextualizada, vemos que

*A interdisciplinaridade não nega, nem é contrária à especialização. É contrária sim, a este estágio que a mesma chegou; é contrária à resistência em se estabelecer inter-relações, ao fechamento das disciplinas, e à insistência dos profissionais no trabalho isolado e na negação da importância dos diferentes saberes na construção do conhecimento (Siqueira, s/d).*

Assim, nossa atitude metodológica não despreza as particularidades de cada área de conhecimento, mas busca perspectivas, a partir de saberes que se interligam e se complementam, formando uma rede de saberes. Sendo a Escola um espaço de aprendizagem, de movimento, de organização e de experiência social, a Interdisciplinaridade se torna possível, de acordo com Pombo (1994), quando compreendemos as dificuldades da constituição estrutural escolar, trazendo o espaço, o tempo e os

programas escolares como condições para um diálogo interdisciplinar.

Em uma proposta Interdisciplinar, o espaço deve priorizar a coletividade e assumir proposições de compartilhamento de espaços livres, salas alternativas ou não convencionais, “nos quais fosse possível promover experiências de trabalho em comum com várias disciplinas” (Pombo, 1994: 20).

O tempo escolar também deve ser cuidado e planejado em uma perspectiva de Educação Interdisciplinar. Os horários, os agrupamentos e as maneiras de viver e vivenciar o tempo devem priorizar o diálogo entre as disciplinas e as livres discussões para as descobertas. Quando o espaço e o tempo são pensados em um movimento que busca mudanças das práticas escolares, os programas são também pensados nessa perspectiva.

Os programas devem ser (re)construídos a partir de uma articulação horizontal, que vislumbre e promova uma encruzilhada de saberes, de culturas, de vivências. Dessa forma, se descarta uma elaboração parcelada e fragmentada dos programas, conteúdos e estratégias para cada disciplina curricular (Pombo, 1994). Nessa perspectiva encontramos um currículo em movimento, que adota um pensamento intercultural e interdisciplinar.

### **Perspectivas Metodológicas – Educação Musical Intercultural e Interdisciplinar**

Tendo como pressupostos afirmados anteriormente da Interculturalidade como um fenômeno, a partir da mútua influência entre diferentes culturas; da Educação Musical como os processos sistematizados de aprender e ensinar música; e da Interdisciplinaridade como atitude metodológica que integra os saberes disciplinares, buscamos dialogar sobre a configuração de uma forma de Educação Musical que tenha como princípios a Interculturalidade e a Interdisciplinaridade.

Como primeiro princípio, reafirmamos a música como parte dos processos de ensinar e aprender, que se entrelaça com outros saberes e se constitui em um currículo em movimento. Dessa forma, afirmamos que a formação, o aprendizado e o desenvolvimento da criança se vinculam ao papel pedagógico assumido pela instituição, que se faz mediadora das relações entre as vivências, os conhecimentos das crianças e os conhecimentos acumulados socialmente pela humanidade. Apresentamos uma forma de currículo em movimento em um projecto pedagógico que assume a

Educação Musical como componente curricular e denominamos essa atitude metodológica de Tema de Pesquisa que, em síntese:

*Procura articular três dimensões básicas nos processos de ensinar e aprender: o conhecimento das áreas de conteúdos que se quer tornar disponível as crianças; o contexto sociocultural das crianças, ou seja, suas realidades imediatas, e os aspectos vinculados diretamente à aprendizagem, aqui concebida como processo que propicia mudanças no desenvolvimento humano por meio da incorporação de normas, conhecimentos, valores e habilidades da cultura e da sociedade (Victor, 2012: 4).*

Nesse movimento, desejamos que as crianças reflitam e dialoguem sobre questões atuais e inquietações – o que desejam estudar, qual a justificativa e questões de investigação. O tema é escolhido coletivamente, em assembleias que, mediadas pelos professores, debatem sobre a importância de cada tema sugerido, a defesa dos grupos e a escolha do tema mais pertinente para o momento. Dessa forma, essas etapas tornam-se democráticas ao permitir que as crianças exerçam seu papel de cidadãs, avaliando suas aprendizagens e expressando seus anseios e futuras apreensões, configurando-se em um trabalho cooperativo.

As crianças percebem o mundo como um “organismo vivo, em que as partes se relacionam, influenciam-se mutuamente” (Fonterrada, 2008: 339). Dessa forma, as aproximações com a música do entorno, dos companheiros de sala, das vivências estabelecidas com a comunidade, bem como com o mundo apresentado pelos adultos trazem aproximações interculturais e interdisciplinares para o desenho metodológico que vai se (re)construindo pelos pares – crianças, professores e comunidade.

Concordando que a especialização disciplinar não daria conta de toda a curiosidade que move as crianças acerca dos temas experienciados, os conhecimentos disciplinares se integram nos processos que permeiam a imersão nos temas estudados – tendo eles a música como propulsora ou não na escolha do tema. Ao conferirmos *status* à vivência e ao conhecimento e não à fragmentação dos saberes, reconhecemos que

*Determinadas investigações reclamam a sua própria abertura para conhecimentos que pertencem, tradicionalmente, ao domínio de outras disciplinas e que só essa abertura permite aceder a camadas mais profundas da realidade que se quer estudar (Pombo, 2005: 9).*



Propondo uma encruzilhada de saberes, quando um eixo a ser investigado pelas crianças é definido, buscamos uma dimensão didático-pedagógica que equilibre uma relação entre a competência global e as tradições locais, buscando identificar também os domínios das diferentes linguagens de conhecimento que constituem os saberes das crianças – o conhecimento e as experiências precedentes – e as hipóteses, as dúvidas e o alargamento de conhecimentos propostos pelos professores nesse diálogo de “arco-íris cultural”.

O trabalho com o Tema de Pesquisa tem como organizador cognitivo uma estrutura baseada em momentos: o Estudo da Realidade, a Organização do Conhecimento e a Aplicação do Conhecimento (Rêgo, 1999). Partindo do Estudo da Realidade – momento em que são definidas as questões de estudo nas diversas áreas do conhecimento, os professores, como organizadores e mediadores do trabalho, procuram observar, ouvir e questionar as crianças, buscando identificar, na fala delas, o que já sabem e o que gostariam de saber sobre o tema em foco.

Nesse momento, a voz das crianças, seus saberes espontâneos, seus interesses e saberes culturais se fazem protagonistas, uma vez que suas falas construirão e definirão, junto aos professores, as questões de estudo. Dessa forma, os fios interculturais e interdisciplinares vão se constituindo, alargando o espaço específico dos saberes musicais, para entrar também nos saberes inerentes a outras artes – Teatro, Dança, Visuais – bem como aos saberes linguísticos, da natureza e da sociedade.

Sendo uma organização cognitiva, os momentos do Tema de Pesquisa não acontecem de maneira fragmentada e cronológica, mas podem se (re)alimentar em todo o processo de investigação, já que são regidos pelo movimento dos processos de ensino e aprendizagem, coordenados pelos atores – crianças e professores (Rêgo, 1999). Assim, temos a Organização do Conhecimento, que envolve todo o processo e que procura, a partir de estratégias metodológicas, confrontar os conhecimentos prévios das crianças com novos estudos e descobertas.

Nesses processos de busca e descobertas, as culturas vão encontrando-se e a música dos povos, das diferentes culturas, dos diferentes lugares vão se (re)construindo em um processo dinâmico que respeita essa construção social da música, compreendendo seu contexto e sua “poética”. Nessa valorização das “múltiplas tradições de conhecimento” (McLaren, 1997: 144), promovemos uma

(re)construção curricular em permanente movimento, que extrapola a produção de conhecimento de caráter eurocêntrico, branco e erudito.

Ao chegarmos ao último momento pedagógico do Tema de Pesquisa, a Aplicação do Conhecimento, a fala das crianças e dos professores se juntam para expressar “a síntese do grupo sobre o que aprenderam sobre o tema estudado” (Victor, 2012: 7). Síntese essa que se materializa em produções e performances – textos, desenhos, dramatização, exposição, produção de vídeo, recital – em uma gama de ações coletivas que revela muito mais que um conhecimento, mas também os discursos sobre as identidades (re)visitadas e as subjetividades dos processos de formação.

Ao atravessarmos fronteiras culturais e experiencarmos novas formas de sentir, compreender, fazer, aprendemos mais que música, ao darmos “um passo inicial, em direção à criação de práticas sociais emancipatórias”, provocando uma nova maneira de estar no mundo, em uma “pausa à constância imutável das identidades imperiais da família patriarcal, do estado autoritário e das narrativas do consumidor compulsivo e feliz” (McLaren, 1997: 190).

### **Considerações finais**

Ao finalizarmos esse ensaio vemos que os diálogos interculturais e interdisciplinares não se esgotam em algumas considerações. Quando a Escola assume seu papel, trabalhando na diversidade e rompendo barreiras disciplinares e de preconceitos culturais, legitima uma postura intercultural e interdisciplinar.

Dar lugar ao pensamento das crianças, as suas origens e conhecimentos prévios, bem como valorizar as culturas do mundo coloca em questão não só o papel da escola, mas também de um professor reflexivo e interculturalmente competente. Vemos então que ao discutirmos sobre as possibilidades metodológicas para os fazeres musicais na Escola, percebemos que a aprendizagem musical se estabelece nos contextos locais e globais, suscitando uma forma de ser e estar no mundo que promova a igualdade e o respeito a diversidade.

Nesse currículo em movimento, as aulas de música se expandem para o cotidiano escolar das crianças, marcando seus tempos e fazeres, sendo compartilhados e deixando suas marcas pela escola. Na (re)escrita e (re)construção do currículo em movimento procuramos articular os conhecimentos disciplinares a

partir das curiosidades e necessidades das crianças, compreendendo que uma só área não daria conta de todas as respostas. Assim, corroboramos Minayo (2010: 436-437), que afirma:

*A interdisciplinaridade deve estar presente na definição do objeto, na discussão dos vários conceitos, e nas propostas metodológicas e técnicas. Nesse sentido, a interdisciplinaridade não configura uma teoria ou um método novo: ela é uma estratégia para compreensão, interpretação e explicação de temas complexos.*

Dessa forma, observamos que o conhecimento construído em movimento acontece de maneira significativa, em uma rede interdisciplinar que promove a diversidade, flexibilidade e diferenciação, compreendendo o currículo como “um todo organizado em função de questões previamente planificadas, do contexto em que ocorre e dos saberes, atitudes, valores, crenças que os intervenientes trazem consigo, com a valorização das experiências e dos processos de aprendizagem” (Pacheco, 2001: 17).

Um currículo em movimento – Intercultural e Interdisciplinar – se (re)constrói no dia a dia da Escola, a partir das demandas, e se torna “uma dimensão do currículo a todo momento reinventado face a cada contexto e à diversidade dos alunos da escola, tendo como horizonte a realização do ideal da igualdade de oportunidade” (Cardoso, 2005: 12). Nesses processos de (re)construção curricular, a Educação Musical valoriza a música do mundo e, a partir de seu desfrute e criação a introduz ao contexto local – interculturalidade; bem como a integração do conhecimento musical com as diferentes áreas de conhecimento, permitindo uma aprendizagem significativa – interdisciplinaridade.

Uma Educação Musical Intercultural e Interdisciplinar promove a imersão, descoberta, desfrute e releitura de diversas culturas, de diferentes formas de expressão musical. Essas diferentes realidades não são somente representadas, mas experienciadas e reinventadas, respeitando cada contexto e tradição. Ao tecermos esse mundo de tradições e conhecimentos não falamos somente sobre cada um, sobre suas tradições ou impressões, mas sim de uma nova forma de sentir e vivenciar a música.

Concordamos com Méndez Fernández (2015), ao afirmar que a arte se difere da realidade, já que na sua releitura se caracteriza por essa distância em relação ao real. Entretanto,

devemos também afirmar que ao recriarmos a obra de arte, recriamos a vida, o mundo, buscando a “igualdade na diferença” (Sousa; Neto, 2003: 26), um mundo melhor, mais solidário, mais musical.

### Referências/ Bibliografia

Candau, V. M.; Koff, A. M. N. S. (2006). Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural. *Revista Educação e Sociedade*. 95 (2006) 471-493.

Cardoso, C. M. (2005). *Educação Multicultural: percursos para práticas reflexivas*. Lisboa: Texto Editores.

Couto, A. C. N. C.; Santos, I. R. S. (2009). Por que vamos ensinar música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da educação musical escolar. *Revista Opus*. 1 (2009) 110-125.

Fonterrada, M. T. de O. (2008). *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP.

Kreutz, L. (1999). Identidade Étnica e Processo Escolar. *Cadernos de Pesquisa*. 107 (1999) 79-96.

McLaren, P. (1997). *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez.

Méndez Fernández, H. (2015). Lugares comunes. La interdisciplinariedad como paradigma en las gramáticas de creación. *DEDiCA Revista de Educação e Humanidades*. 7 (2015) 53-64.

Minayo, M. C. S. (2010). Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. *Revista Emancipação*. 2 (2010) 435-442.

Moreira, A. F. B. (2001). A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. *Revista Brasileira de Educação*. 18 (2001) 65-81.

Pacheco, J. A. (2001). *Currículo: teoria e práxis*. Porto: Porto Editora.

Penna, M. (2005). Poéticas Musicais e Práticas Sociais: reflexões sobre a Educação Musical diante da diversidade. *Revista da ABEM*. 13 (2005) 7-16.

Pombo, O.; Guimarães, H. M.; Levy, T. (1994). *A Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.

Pombo, O. (2005). Interdisciplinaridade e Integração dos Saberes. *Liinc em Revista* 1 (2005) 3-15.

Rêgo, M. C. F. D. (1999). O currículo em movimento. En *Caderno Faça e Conte* (61-82). Natal: EDUFRRN.

Siqueira, H. S. G. (s.d.). *Principais discussões conceituais sobre a interdisciplinaridade*. Consultado em 30/06/2015. Disponível em: <http://www.holgonsi.com/interdconceitos.pdf>

Sousa, M. R.; Neto, F. (2003). *A Educação Intercultural através da Música: contributos para a redução do preconceito*. Canelas: Edições Gailivro.

Stoer, S. R.; Cortesão, L. (1999). *Levantando a Pedra: da Pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educativas numa época de transnacionalização*. Porto: Edições Afrontamento.

Victor, A. C. S. (2012). *Tema de pesquisa: possibilidades e limites no ensino fundamental*. Relato da prática. NEI-CAp/UFRN.

---

<sup>1</sup> ***Music and Interculturality: interdisciplinary perspectives***

Recebido: 30/09/2015

Aceite: 23/10/2015

<sup>2</sup> Mestre.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN (Brasil).

Doutoranda [Universidade do Minho (Portugal)].

E-mail: maristelamosca@gmail.com